

32ª Reunião Brasileira de Antropologia
Grupo de Trabalho 17- Antropologias da paisagem

Pescadores e botos na Barra do Rio Tramandaí: paisagens e transformações urbanas nas paisagens do Litoral Norte do Rio Grande do Sul/Brasil¹

Olavo Ramalho Marques²

Resumo

Esta pesquisa etnográfica aborda as memórias, práticas e saberes de pescadores envolvidos na “pesca com o boto” na Barra do Rio Tramandaí – foz do rio junto ao Oceano Atlântico, fronteira física e simbólica entre Tramandaí e Imbé, cidades do Litoral Norte do Rio Grande do Sul/Brasil. As reflexões emergem da produção do filme etnográfico “Pesca do Boto” a partir de uma “etnografia da duração”, que tematiza as memórias e percepções ambientais dos pescadores em suas relações com os botos - uma vez que, nesta modalidade de pesca, os botos cercam os cardumes de tainha e sinalizam aos pescadores onde devem lançar suas redes. Esta forma de interação atravessa gerações de pescadores e botos. A Barra, paisagem da interação, condensa as características territoriais do Litoral Norte Gaúcho (e seus conflitos): intensos processos de transformação urbana, dinâmicas sazonais, práticas de espaço para trabalho, lazer, turismo e veranismo, crescente densidade habitacional, verticalização das construções, degradação ambiental, entre outros. Os pescadores, em suas narrativas biográficas, remontam a trajetórias de vida que conduzem à compreensão de uma singularidade identitária e revelam sujeitos portadores de saberes quanto aos botos (comportamentos, relações intergeracionais, reações às ações humanas), quanto à paisagem (ventos, marés, ciclos das águas) e suas transformações. Esta etnografia, mediada pela produção de imagens em vídeo, privilegia a perspectiva dos pescadores artesanais sobre esta paisagem e suas transformações, na curta e na longa duração.

Palavras-chave

Pescadores; botos; Litoral Norte Gaúcho

Apresentando o contexto

A coisa mais linda que pode existir no mundo, eu acho, pra mim, é essa pesca aqui!

Airton

Conhecer o contexto, nos indica Bateson, é fundamental, já que “sem contexto, palavras e ações não tem qualquer significado. Isto é verdade não somente para a comunicação humana através de palavras, mas também a todo o tipo de comunicação,

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

² Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS/Brasil.

de todo o processo mental, de toda a mente" (1986 p. 23). Ou ainda: sem contexto não há comunicação (Bateson, 1972, p. 289).

Apresento, neste trabalho, reflexões a partir de uma pesquisa etnográfica acerca das territorialidades e paisagens da “Barra do Rio Tramandaí”, onde a foz do rio Tramandaí junto ao Oceano Atlântico compõe um estuário que delimita a fronteira entre Tramandaí e Imbé, municípios do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Este território sedia uma relação singular entre humanos e não humanos: a interação entre pescadores artesanais de tarrafa (rede circular) e botos (Golfinhos Nariz-de-Garrafa), que pescam tainhas em conjunto, em um esquema reconhecido como pesca artesanal cooperativa. Esta etnografia, mediada pela produção de imagens em vídeo visando à produção do documentário etnográfico “Pesca do Boto”³, privilegia a perspectiva dos pescadores artesanais sobre esta paisagem e suas transformações, na curta e na longa duração - uma vez que, para além do que se vê, as paisagens também se constroem a partir do que se escuta, incluindo-se aí o "som ambiente" mas também as narrativas que recompõem seus processos de produção e transformação.

Portadores de memórias e saberes quanto aos botos (comportamentos, relações intergeracionais, reações às ações humanas), quanto às paisagens (ventos, marés, ciclos das águas) e suas transformações, os pescadores, em suas narrativas biográficas, remontam memórias e trajetórias de vida que conduzem à compreensão de uma singularidade enquanto grupo, bem como de lógicas e tendências de ocupação, transformação e desenvolvimento do Litoral Norte, tendo em vista o crescimento urbano, a degradação ambiental, a pesca industrial predatória e conflitos gerados em tais processos. Reunindo contribuições de estudiosos tais quais Simmel, Durand, Bateson, Berque, Ingold e Descola, busca-se refletir sobre a paisagem como categoria de análise, uma vez que está em jogo, neste contexto etnográfico, todo um tensionamento e extravazamento dos próprios limites entre natureza e cultura - inclusive da cultura como construto exclusivamente humano.

Coletivos de humanos e não humanos se engajam em uma forma social complexa amparada neste território; ao mesmo tempo, a presença das interações interespecíficas compõe a Barra como paisagem dotada de densa singularidade.

³ Pesca do Boto. Direção: Olavo Ramalho Marques, 2020. O documentário está na seleção do Prêmio Pierre Verger 2020, da 32a Reunião Brasileira de Antropologia.

Pensando a paisagem em seu processo no tempo, emerge a projeção de futuros possíveis - cenário em que ganha especial relevo, nas reflexões dos pescadores, uma dramática em torno de uma iminente impossibilidade de perpetuação desta prática. Tal percepção tem pautado a busca por mecanismos de valorização da figura do pescador, de preservação ambiental e de registro do Patrimônio Cultural associado à pesca cooperativa.

Estas reflexões emergem de minha participação nos projetos “Botos da Barra”, coordenado pelo prof. Ignácio Moreno (Ceclimar/UFRGS)⁴; “Fortalecimento da pesca artesanal cooperativa e de empreendimentos de economia solidária na cadeia produtiva do peixe em Imbé e Tramandaí/RS”, coordenado pela profa. Daniela Sanfelice (IFRS/Campus Restinga)⁵; e ainda ao projeto “Paisagens do Litoral Norte Gaúcho”, por mim coordenado⁶. Como forma de participação nos projetos acima relatados e direcionados à pesca artesanal com os botos - chamada, simplesmente de Pesca do Boto por um de nossos interlocutores, nome que adotamos para o documentário - me propus a abordar esta prática singular a partir da produção de imagens em vídeo, tematizando as técnicas de pesca, a interação entre humanos e não-humanos (pescadores e botos) e as sociabilidades, territorialidades e memórias entre os pescadores.

Uma vez que os projetos estão imbuídos da perspectiva de valorização da pesca artesanal, de produção de visibilidade à figura do pescador e de incentivo ao consumo do pescado artesanal, a produção filmica vem no sentido da produção de conhecimento e reconhecimento, difusão de sua presença, seus saberes e fazeres - e, sobretudo, da emergência de suas perspectivas autênticas e fundamentais quanto aos possíveis futuros do território da Barra. Invisto, assim, em uma “Etnografia da Duração” (Eckert e Rocha, 2005), privilegiando as narrativas biográficas dos pescadores e os arranjos temporais que delas emergem.

⁴ Agradeço pela interlocução com os colegas de projeto: além dos coordenadores, supracitados, Marlise dal Forno, Tanussa Simas, Helena Botelho, Dandara Dorneles, Yuri Camargo, Ricardo Fabrício, Airton Alves e outros estudantes vinculados aos projetos ou que dele participaram ao longo dos anos.

⁵ Projeto de extensão tecnológica encerrado em 2018, que envolveu Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS), UFRGS e Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER-RS), com financiamento do CNPq.

⁶ Devo agradecer ainda, à equipe do Núcleo de Antropologia Visual (PPGAS/UFRGS), pela valiosa contribuição em comentários para a construção do documentário etnográfico de que trato neste artigo.

O Contexto urbano

Tramandaí e Imbé são municípios que fazem parte da Aglomeração Urbana do Litoral Norte (Aulinorte)⁷. Trata-se de cidades litorâneas, na orla do Oceano Atlântico, separadas pela foz do Rio Tramandaí. Cenário *sui generis* que condensa características territoriais do Litoral Norte, a Barra se configura como fronteira física e



simbólica entre as cidades, que apresentam distintas formas de ocupação, de tecido urbano, densidade habitacional, verticalização das construções, planos de desenvolvimento urbano, sociabilidades e usos para turismo e lazer. São cidades pequenas, com processos acelerados de transformação urbana e marcadas por uma ocupação sazonal muito diferenciada, já que a região atrai milhares de turistas e veranistas vindos da capital e outras regiões do Rio Grande do Sul nos meses do verão, nos quais a população total pode chegar ao triplo ou quádruplo da população permanente.

O Litoral Norte Gaúcho se destaca pela abundância das águas em seu território. No que diz respeito a Tramandaí e Imbé, são município banhados pelo Oceano Atlântico, mas também repletos de lagoas e rasgados pelo traçado tortuoso do Rio Tramandaí. A Bacia do Rio Tramandaí merece destaque, e uma série de entidades vêm trabalhando densamente no sentido de preservar as águas da Bacia – destacam-se, entre elas, o Comitê da Bacia do Rio Tramandaí, o Ceclimar/UFRGS, ONGs como a Ação Nascente Maquiné (ANAMA), o Fórum da Pesca. Como elemento comum na atuação destas entidades, a percepção de que a preservação ambiental é fundamental para a

⁷ Oficialmente instituída pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul através da Lei Complementar Nº 12.100, de 27 de maio de 2004, a Aulinorte compreende os municípios de Arroio do Sal, Balneário Pinhal, Capão da Canoa, Capivari do Sul, Caraá, Cidreira, Dom Pedro de Alcântara, Imbé, Itati, Mampituba, Maquiné, Morrinhos do Sul, Osório, Palmares do Sul, Terra de Areia, Torres, Tramandaí, Três Cachoeiras, Três Forquilhas e Xangri-lá. A lei indica funções públicas para gestão comum entre os municípios, priorizando-se: saneamento básico, turismo, planejamento de usos e ocupações do solo urbano, preservação e conservação ambiental, organização territorial, informações regionais e cartografia.

perpetuação de práticas como a tematizada neste artigo, de modo a garantir perpetuação e, portanto, sua presença no futuro. As atividades de universidades e escolas, ONGs e demais associações, demonstram um vitalismo que luta contra a angústia do desaparecimento – e, portanto, de morte (Maffesoli, 1998, p. 10), que se anuncia, caso o processo de urbanização de Tramandaí e Imbé não seja conduzido de forma sustentável, ou seja, efetivamente preocupado com e verdadeiramente engajado na preservação ambiental.

O Sistema Lagunar Tramandaí-Armazém foi definido como área prioritária de importância muito alta, com prioridade de ação extremamente alta, em termos da conservação da biodiversidade local (Castro, 2016). De acordo com tal estudo, a foz do rio Tramandaí, com seu entorno densamente urbanizado, merece especial atenção. Strohaecker (citada em Castro, 2016, p. 64) aponta, entre outras diretrizes para o desenvolvimento regional sustentável, a necessidade de valorização desses espaços naturais e culturais como “elementos aglutinadores de identidade territorial para as comunidades locais”. O Estudo “Patrimônio Socioambiental da bacia do Rio Tramandaí” (Coelho-de-Souza, Perucchi e Kubo, 2013) identifica, na Bacia do Rio Tramandaí (compreendida na microrregião do Litoral Norte Gaúcho), uma diversidade de grupos étnicos que resultam em um mosaico cuja fricção intercultural gerou um cenário riquíssimo do ponto de vista de seu legado cultural. Os grupos de pescadores artesanais característicos da microrregião são legatários de diferentes técnicas pesqueiras, tais quais a pesca com tarrafa (rede circular), a pesca cooperativa com os botos no Estuário do Rio Tramandaí (de que estou tratando), a pesca de bolo, a pesca de aviãozinho, entre outras. De acordo com as autoras, através destas técnicas, os grupos de pescadores exploram de forma sustentável os recursos gerados pela abundância das águas dos rios, lagoas e mar presentes no território.

No que tange aos que pescam com o boto, tal importância, do ponto de vista ambiental, passa por um vasto conhecimento do ambiente e por uma específica relação interespecies. Retomando Flávio Silveira (2016, p. 288, grifo do autor), buscamos aqui “pensar a *interespeciedade* na urbe como um fenômeno contemporâneo”. No caso da pesca artesanal, emerge o caráter único desta interação, que atravessa gerações de pescadores e botos. Os botos atraem turistas, fazendo sucesso sobretudo com as

crianças. Os habitués da Barra conhecem os botos e por vezes pescadores. Mas muitos, especialmente os turistas, desconhecem as nuances da interação entre eles, o fato de que muitos dos botos têm nomes, que as mães boto criam seus filhotes e os ensinam a pescar em conjunto com os humanos, como mostra Yuri Carmargo (2014).

É importante mencionar que a paisagem da Barra é eminentemente urbana, e, como cidade, produto de nossas formas culturais, é um construto humano. Tais paisagens, entretanto, são sempre interespecíficas – além do que, cabe insistir, o humano é também e sempre parte da natureza - por mais que, do ponto de vista de suas cosmologias, não se veja assim. Proteger a presença da pesca com os botos na Barra, distendendo-a no tempo, implica em trabalhar para que a natureza na cidade persista possibilitando tal fenômeno interespécies único. Os gestos de distintos grupos na ocupação do espaço se acumulam neste território singular, que abarca tal interação também bastante singular.

Elisa Ilha (2016), em seu trabalho de conclusão de curso de Biologia/UFRGS, assim descreve o processo de interação entre pescadores e botos na Barra:

Na Barra do Rio Tramandaí, os pescadores artesanais de tarrafa posicionam-se nas margens do canal. Os botos adentram a Barra, sozinhos ou em grupos, utilizando a área para alimentar-se, para descansar e para cuidar de seus filhotes. Quando, enfim, aparecem os cardumes de tainha, os golfinhos os perseguem, encurralando os peixes em direção aos pescadores (SIMÕES-LOPES, 1991; PRYOR *et al.*, 1990). Ao perceber a presença dos golfinhos, os pescadores aproximam-se destes com as tarrafas em mãos e iniciam a atividade de pesca (CAMARGO, 2014). Os golfinhos, com sinais característicos feitos com a cabeça, indicam aos pescadores o momento apropriado para o lançamento das tarrafas (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998). Uma vez que a tarrafa é lançada, os botos também se beneficiam, visto que é mais fácil alimentar-se das tainhas que se desorientam do cardume quando a rede bate na água (SIMÕES-LOPES, 1991).

A parceria entre o pescador e o boto também ajuda os pescadores a obter melhores resultados na pesca (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; SIMÕES-LOPES & DAURA-JORGE, 2008). Dezenas de famílias de pescadores artesanais dos municípios de Imbé e Tramandaí dependem da pesca artesanal de tarrafa para o sustento de suas famílias (ZAPPES *et al.*, 2011). Além disso, a pesca cooperativa é uma interação cultural inter e intraespecífica passada de geração em geração, tanto entre a população de golfinhos, quanto entre os pescadores de tarrafa locais. Desta forma, considera-se que a pesca cooperativa possui importância econômica e sociocultural para a comunidade do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (SIMÕES-LOPES, 1991; TABAJARA, 1992; ZAPPES *et al.*, 2011).

Práticas semelhantes existiram em torres, não sendo agora não mais existentes. E ainda existem na cidade de Laguna⁸, no estado de Santa Catarina, guardando certas características distintivas em relação àquelas que verificamos em Tramandaí.

⁸ Sobre a pesca com o Boto em Laguna, ver o trabalho de Brisa Totti (2016).

Os pescadores

O projetos anteriormente referidos e que enquadram a pesca artesanal vêm se produzindo na interlocução contínua e densa entre pescadores e pesquisadores (sobretudo professores e estudantes de graduação e pós-graduação). O intuito fundamental tem sido o de delimitar os pescadores a partir da prática profissional da pesca (de acordo com os parâmetros definidos legalmente para tal, em oposição a muitos pescadores “amadores” presentes na “Barra”, aqueles que praticam a pesca como hobby - algo extremamente comum em um contexto marcado pela intensidade do turismo/veranismo); pelo conhecimento que eles detém sobre a prática da pesca com os botos e pela relação estreita com os animais, que acabam sendo profundamente conhecidos em seus comportamentos, singularidades enquanto indivíduos, bem como em suas genealogias. Trata-se de uma busca por interlocução com os pescadores “mais antigos”, que vivem cotidianamente a Barra, conhecem e praticam a pesca com o boto - muitos deles também filhos e netos de pescadores. É o próprio grupo que indica quais são as pessoas que reconhecidamente devem estar neste grupo de interlocução. Como apontou Alzemiro:

Mas é assim, é pescaria, é muito boa, eu adoro a pescaria! Eu digo que venho aqui na Barra mesmo só pra dar uma olhada, eu não fico sossegado dentro de casa. Parece uma coisa que “esfuruca” o cara e diz: “Vai lá vai lá vai lá” [...] E outra coisa, né? Pescador que é pescador pode não ter nada de dentro de casa, mas passou a mão na tarrafa e com cinquenta, uns cem pila, ele leva pra casa, pra família. Que é uma ferramenta, né cara?

Em meio ao conjunto de cerca de dez pescadores com interlocução mais frequente e cuja relação vem sendo consolidada há anos pelos pesquisadores do Projeto Botos da Barra, sob a coordenação de Ignacio Moreno, no âmbito do Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (Ceclimar/UFRGS), cinco deles aceitaram nosso convite para a realização de entrevistas de memórias sobre a pesca, a Barra, os botos e, sobretudo, acerca de suas narrativas biográficas - bastante entrelaçadas com as histórias dos próprios botos. São eles Alzemiro Lentz Pereira, Nilton Gonçalves Izidor, Airton Gomes da Rosa (falecido em maio de 2019), Lauri Anselmo (Graxa) e Maurino Ramos Francisco. Outros pescadores inseriram-se nos contextos de sociabilidade no entorno das gravações nas entrevistas realizadas na Barra e também se constituíram como

personagens do documentário, embora não na mesma condição de protagonismo.

São homens em relação de profunda imbricação com aquele território. Para relembrar Ingold (2000), de algo que remete a um *attachment* entre sujeito e território. Pois, como nos disseram “Nasci aqui na Barra, Nos cômoros ali” (Nilton) e “Nasci na beira do rio, ali” (Airton). Ser pescador na Barra envolve uma forma de territorialidade - de imbricação entre território e identidade, nos termos de Haestabert (2011). Como nos disse Maurino, “Uns oito ou nove anos, eu já estava tarrafeando. Já, já! Eu comecei a conhecer boto, né?” É o "começar a conhecer boto” que o constitui como sujeito no mundo. São dali, profundamente dali - em termos de um pertencimento ao território. Pois, prossegue Nilton, “Ah aqui é a origem, né? A minha origem é aqui. Me criei aqui, daqui só pra debaixo de terra!” Estão na Barra, partilhando e construindo aquele território.

Fazer paisagem - os padrões que ligam

O fenômeno da pesca artesanal cooperativa, conforme a denominação dos colegas biólogos do projeto Botos da Barra, é único no mundo e singulariza ainda mais a paisagem da Barra do Rio Tramandaí. O conceito de paisagem, neste caso, revela-se extremamente pertinente enquanto categoria de análise, uma vez que está em jogo todo um tensionamento e extravazamento de limites entre natureza e cultura. As dimensões naturais paisagem não podem nunca ser pensadas isoladas dos elementos humanos que as produzem - o que se torna ainda mais evidente em termos das paisagens urbanas; ao mesmo tempo, desde Simmel (1996) ao menos, temos presente que a paisagem resulta de um contínuo processo de subjetivação: quem produz a paisagem é o olhar que enquadra e concede unidade a "pedaços de natureza” - esta última considerada pelo filósofo como uma totalidade.

Nos debruçamos, então, sobre tal paisagem a partir da proposição durandiana (Durand, 1997) do trajeto antropológico: a contínua dialética entre as pulsões subjetivas e as emanções objetivas do meio cósmico e social. Neste caso, como veremos, a própria lógica semiótica da cultura como sistemas de símbolos (Geertz, 1997) e teia de significados talvez possa ser estendida aos botos - ao menos enquanto porção essencial de uma interação que constitui a identidade dos pescadores e daquela paisagem *sui*

generis. A cultura, tida em antropologia durante muito tempo como construção exclusiva do humano - e que reifica sua suposta singularidade enquanto espécie - encontra-se em denso questionamento nas abordagens contemporâneas.

Para além das práticas cotidianas de espaço (Certeau, 1996) junto à Barra, ao abordarmos alguns desses pescadores em suas narrativas biográficas, adentramos em outras camadas de tempo, em que sua presença – e de outras gerações de pescadores – se fazem essenciais na própria configuração espacial e ambiental deste território. Suas memórias remontam a outras formas de habitação e a outras formas de relação social e ambiental nas cidades do Litoral Norte. Trata-se, assim, de tramas entrecruzadas de escrituras (Certeau, 1996): no caso, entre biografias de pescadores e vidas de botos, que constituem a paisagem singular da Barra do Rio Tramandaí, reticidas no contexto de uma produção narrativa etnocinematográfica, para nos valermos de um conceito de Jean Arlaud⁹

Nos diz Airton que a atual configuração da Barra foi aberta em regime de mutirão pelos pescadores, nos anos 40, “a pá”. Assim descreve o processo:

Essa barra aqui não existia aqui, não existia essa barra aqui, certo? Aqui que tu tá filmando, isso aqui não existia, a barra era ali lá ó, sabe onde fica o Braço Morto? Lá era a Barra, começando na [rua] Santa Rosa e passava no mar. Essa parte aqui foi aberta a pá pro pessoal poder pescar, porque era muito longe para poder ir pescar. Sabe: frio, longe... Então fecharam o canal de volta e abriram esse canal aqui. [...] Isso foi em quarenta e poucos e aí em cinquenta e poucos o Brizola assumiu o governo do estado e colocou as pedras para não voltar para não voltar o antigo de novo.

A paisagem da Barra, tal como existe hoje, passa decisivamente pelo gesto criativo e transformador dos pescadores, que abriram o atual canal, fixando-o, uma vez que antes ele variava bastante, de acordo com os ventos e as marés.

As questões atreladas ao crescimento urbano de Tramandaí, expressas na verticalização do tecido urbano, nos congestionamentos nas ruas, na poluição das águas, entre outros fatores, conduzem a um olhar de crítica e suspeita por parte dos pescadores quanto à possibilidade de perpetuação da "pesca do boto". O que se torna ainda mais iminente com os projetos de construção de uma nova ponte ligando Tramandaí e Imbé - sendo que um dos traçados previstos liga as duas avenidas Beira-Mar, projetando-se justamente no canal por onde os botos adentram no estuário, vindos do mar. Como

⁹ **O cinema é como uma dança.** Entrevista com Jean Arlaud, cineasta e antropólogo. Realização: Rafael Devos, Olavo Marques, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert, João Castelo Branco, Peri Carvalho, Flávio Abreu da Silveira. Produção: Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Núcleo de Antropologia Visual, 2004.

aponta De Certeau (1996), há cidades insinuadas no texto claro da cidade planejada - se bem que talvez planejamento não seja uma noção adequada para pensarmos as cidades litorâneas enquanto espaços urbanos; talvez seja mais preciso pensarmos em distintas projeções de futuro, algumas alicerçadas em poder econômico ou político, quer seja, a capacidade que os grupos têm de fazer valer os seus próprios interesses. Quais as perspectivas de esses pescadores fazerem valer seus interesses e suas formas de percepção do território, de suas projeções de futuro? Se, como diz Airton, “pescador nunca serviu pra nada”?

Gregory Bateson, em “Mente e Natureza, a unidade necessária”, questiona-se sobre os “padrões que ligam” todas as criaturas vivas (1986 p. 16); indo além, aponta que, atuando junto a pessoas que não tinham formação científica, se apercebe que, “destreinados como eram”, revelavam sempre preferências estéticas ao falar sobre os fenômenos do mundo. Bateson refere-se, assim, à estética como “a sensibilidade em relação ao padrão que liga”. Os pescadores, nossos protagonistas, apresentam, a meu ver, uma relação profundamente estética com a paisagem: os peixes a pescar e seu comportamento, os botos com quem pescar junto, os filhos de botos a ensinar a pescar em conjunto com as mães, as aves que comem as vísceras e restos do pescado limpo ali mesmo, na beira d’água, mantendo limpo o ambiente, os ventos que alteram toda a dinâmica do território, as marés enchendo ou vazando, a coloração e a temperatura da água. Tudo aparece conectado - e isso notamos através de suas narrativas, de seus saberes em ato no momentos da pesca, de seus gestos criativos em relação à paisagem. São sujeitos imbuídos do território, nele imersos, que constróem a paisagem neste ser em conjunto. Sua relação com a paisagem é, nesses termos de Bateson, basicamente estética.

É fundamental afirmarmos que não há possibilidade de experiência vital do espaço sem corpo, sem percepção, sensibilidade. Resgatamos, portanto, um dos paradigmas mais frutíferos da atualidade em antropologia – a perspectiva do *embodiment*, ou da corporeidade. Como afirma Thomas Csordas (1990), uma das principais referências nesse campo, o corpo consiste em nossa abertura primeira para o mundo. Para o autor, o corpo não pode ser objeto em relação à cultura, mas sim sempre sujeito. Estamos corporalmente no mundo, assim como a percepção está no corpo, que

se projeta para dentro de um universo cultural. Abre-se espaço, portanto, para a discussão acerca dos sentidos nas experiências vitais – no caso específico que discutimos aqui, destaca-se a importância da visualidade, mas também da escuta: na medida em que os sujeitos estão no mundo a partir de sua corporalidade (culturalmente construída) vivencia-se também experiências específicas de paisagem.

Através do estudo das paisagens, a partir das narrativas dos pescadores, podemos compreender melhor as relações entre os diferentes grupos sociais e os territórios do Litoral Norte – no que diz respeito, sobretudo, aos enquadramentos dos conjuntos significativos delineados pelos olhares, escutas e sentidos acerca do território. Aprofundando nossos estudos, passamos a compreender, como destaca Augustin Berque, que é importante pensarmos “através das paisagens”, mais do que exclusivamente pensarmos sobre as paisagens (2013). Nos direcionamos, então, para duas linhas de reflexão: o estudo sobre as paisagens é um excelente mote para a compreensão dos processos de transformação urbana, revelando formas de comportamento individual e coletivo nos eixos tempo e espaço. E de que existe uma importante conexão entre as paisagens significativas para os sujeitos no mundo e as identidades atreladas a um território.

A Barra como espaço de sociabilidades

A Barra, para os pescadores, é um espaço de sociabilidades. Aludo, aqui, às afirmações de Georg Simmel, para quem as relações têm temperatura (Moraes Filho 1983, 132) - não determinadas apenas pelos pólos extremos, mas pela natureza total de seus elementos constituintes. Para além da dimensão do espaço físico, nas palavras de Simmel, as próprias formas de interação e contato entre pessoas - onde se inserem certas noções de proximidade e afastamento, de distância social - constroem um espaço social específico (MORAES FILHO, 1983, p. 21). Se o termo Sociedade, para o autor, implica em estar com o outro, para o outro, contra o outro (p. 166), as formas de realização das interações ganham vida própria, em processo de autonomização das formas, do qual resulta a sociabilidade – forma lúdica fundada na troca entre iguais, onde o grande

motivo da sociação é a própria existência da interação¹⁰. As sociabilidades, assim, se dão entre pescadores, fundamentalmente, inserindo-se aí as relações de amizade, compadrio, parceria na pesca, mas também de conflito: tensões geracionais, tensões entre os pescadores “locais” e os amadores, ocasionais e mesmo os turistas que por vezes se aventuram a pescar ali e “estragam a batida do boto”, como nos afirma Alzemiro. Pois bem, são sociabilidades. A paisagem sonora da Barra é uma paisagem de sociabilidade lúdica, imersa no compasso do ritmo da dialética entre espera e ação ou entre tranqüilidade atenta (observacional) e agitação da técnica em ato - o momento mesmo de fazer pesca, capturar peixe. Mas tudo isto é tempo da pesca.

Nas conversas entre os pescadores e nas narrativas que teceram para a nossa equipe durante a produção do documentário, as memórias dos antigos pescadores se fazem sempre presentes, como nos relatou Airton sobre seu pai e seus companheiros abrindo “a pá” o atual canal da Barra. Ou, como nos disse Alzemiro, “o Falecido Prezalino, o falecido Raulino, né? O falecido Saltiro. Esse pessoal aí tudo antigão já faleceu, né? E criaram muita família, criaram as famílias todas pescando”. Alguns desses antigos, como nos disse Maurino, eram - ou são - pescadores de grande habilidade e visão, que “veem peixe” com grande acuracidade.

Para além das interações entre os pescadores na Barra, as sociabilidades se dão também - é inegável - junto aos “clientes”, pessoas que vão à Barra comprar peixe direto dos pescadores. A opção por esta compra, ao invés da aquisição do alimento em uma peixaria ou mercado parece ser uma opção por uma compra a partir de uma relação, um laço que une - uma opção por uma forma de relação econômica que passa pela sociabilidade lúdica.

Do mesmo modo, insistimos, fazer paisagem é, neste caso, estar junto, em uma relação que se distende do tempo. A relação dos pescadores com o memorável boto Lobisomem, sempre relembra na fala dos pescadores, é uma relação de afeto. Para muito além da quantidade de peixe que se pescava. A relação com Geraldona, que o projeto Botos da Barra, por exemplo, transformou em personagem de um livro de Educação Ambiental - são animais carismáticos, sabemos! - é uma relação de afeto. O

¹⁰ Não excluindo aqui a existência de inúmeros conflitos que se geram nessas experiências entre habitantes locais, sendo também essa, para Simmel (In: MORAES FILHO, p. 125), uma forma de interação fundamental para a existência da sociedade. As discordâncias são constituem formas de negociação inerentes às interações humanas, e às vezes são os motivos da existência de relações.

estar junto na Barra, pescando, é uma relação de predação da tainha. Mas, como a relação dos pescadores entre si, para além da atividade produtiva, é uma relação lúdica. É sociabilidade, arrisco afirmar. Os botos brincam entre si. Os filhotes, quando ainda não sabem pescar com os pescadores, "só fazem folia", como nos disse Nilton. No caso da interação boto-pescador - uma relação persistente, que dura no tempo - trata-se de uma forma densa de sociabilidade interespecífica, que os nossos interlocutores desejam que se perpetue no tempo.

Isto fica evidente em uma situação de nossa etnografia. Gravávamos com Nilton numa pequena tenda de madeira coberta de palha que servia de abrigo do sol para pescadores e habitués locais. Nilton olha para o lado, aponta com um gesto de cabeça para o homem que chegava em sua bicicleta, leva a mão à boca como quem conta um segredo e diz: "Ali, olha ali! Quem chegou!? O Lino! Vem cá, vem cá! Vem cá! Vem aqui falar!" Lino brinca de longe conosco e diz: "Quero pegar peixe, tem que pegar peixe, cara!", a que Nilton responde: "Olha a miudinha, ó!", brincando com o amigo que chegava tarde para começar a pescar. Lino desce da bicicleta, tira a jaqueta fornecida pelo projeto de extensão tecnológica "Fortalecimento da Pesca Artesanal Cooperativa", anteriormente citado e que foi financiado pelo CNPq, moldado na interlocução contínua entre pesquisadores, extensionistas e pescadores, e diz: "Aí ó, Deus o livre! Pescador Amigo do Boto! Será que o boto conhece nós? Nós conhecemos eles. Será que eles conhecem nós?" Lino tinha se mostrado pouco à vontade para nos dar uma entrevista, e nós não insistimos diante de sua postura. Neste momento da etnografia na Barra, no entanto, fez a pergunta que há tempos perseguíamos, para que refletissem os pescadores. Nilton responde a pergunta do amigo: "Eu acho que sim! Claro! É, os antigos conhecem, né? O Maurino... Os botinhos já vão certinho. Mais pro Lado, é. Já sabe certinho! Do ladinho!"

Trata-se de uma relação pautada no re-conhecimento. Os pescadores insistem que o comportamento na relação de pesca demonstra que os botos conhecem os pescadores antigos e dirigem seus esforços para pescar junto com eles. Nos inspirando novamente em Bateson, cabe a nós, cientistas, estarmos atentos aos universos de discursos que criam significados (1972, p. 284). Trata-se, no caso da forma como os pescadores entendem os botos, um pensamento que atribui a eles uma capacidade de

pensamento inteligente, perspicaz, que favorece a captura do peixe. Em sua proposta de pensarmos a vida e os “padrões que conectam”, Bateson (1972) nos orienta a pensarmos sempre a relação “organismo mais ambiente”, a partir de sinais que estes animais produzem sobre estes ambientes. Os sinais emitidos pelos botos para os pescadores - a “batida do boto” indicando a presença da tainha, o momento e o local de lançar a tarrafa - acreditamos, são sinais que, para além da presença da tainha, versam sobre a própria interação entre boto e pescador. Estas capacidades demonstradas pelos botos são desenvolvidas a partir de limitações e regularidades que definem “o que vai ser aprendido e sob que circunstâncias” (Bateson, 1972, p. 298. Minha tradução). Ora, a capacidade de desenvolvimento de formas comportamentais específicas por grupos de animais (estes golfinhos nariz-de-garrafa, no ensinam os biólogos do project, de modo distinto do conjunto dos outros indivíduos da espécie, aprendem com as mães a se relacionar e se comunicar com os humanos, perpetuando a pesca cooperativa com os pescadores) nos leva ao questionamento do que nos faz humanos, de fato. É o aprendizado e a perpetuação de legados culturais?

Nos lembra Ingold (1995) que as noções de humanidade determinam e são determinadas por nossas ideias acerca dos animais - decisivamente a partir daquilo que, supostamente, é exclusivo do humano: linguagem, razão, intelecto, moralidade, etc. A percepção dos pescadores quanto aos botos, forjada a partir da interação ao longo de anos e gerações de pescadores e botos, indica que, ao contrário, essas fronteiras são tênues. A capacidade de percepção e linguagem parece bastante evidente aí. Geraldona, Lobisomem, Bagrinho, Coquinho, Machada e os muitos outros botos nominados parecem ser, para estes pescadores, pessoas não-humanas (Ingold, 1995).

Natureza e cultura

As cisões e aproximações possíveis entre natureza e cultura compõem um dos temas mais clássicos na antropologia. A questão fundamental, aludida anteriormente seria: o que diferenciaria o humano dos demais animais? Seria, para alguns, sua capacidade de absorver e transformar legados culturais, que são acumulados e modificados de geração em geração. A passagem da natureza à cultura rendeu muitos

trabalhos e discussões intermináveis e estes debates retornam com grande força na contemporaneidade.

Como apontamos anteriormente, verifica-se um centralidade da categoria corpo nas análises contemporâneas, que tendem a compreender este que é o princípio mais básico da vida do humano - enquanto indivíduo biológico, membro de uma espécie -, elemento central na experiência humana. Na medida em que a cultura só é construída corporalmente (os sistemas simbólicos não flutuam no espaço e mesmo uma imagem ou um texto, objetivamente tecido no espaço, só se completa com a interpretação de um sujeito através da mediação de seus códigos), também o corpo é culturalmente construído. Para Descola e Palsson (1996), a percepção do corpo como elemento essencial na compreensão da vida social mostra a impossibilidade de separar de maneira absoluta os domínios da natureza e da cultura. É desta forma que, aqui, pensamos a noção de paisagem: aquela que permite pensar as confluências entre natureza e cultura, objetividade e subjetividade.

Descola (2005) entende que práticas e comportamentos observáveis exibem regularidades que frequentemente são atribuídas, pelos indivíduos que pertencem à sociedade, aos sistemas de regras instituídas. Assim, há tempos confunde-se os repertórios de normas instituídas pela educação e os gabaritos cognitivos e corporais do *ethos*; cabe, portanto, apreender os modelos de ação objetivados em proibições e prescrições e o que chama de “esquemas de práticas”. Descola pretende, assim, resgatar da antropologia estrutural a premissa de estabelecer regularidades estruturais e organizar modelos a partir da combinação de traços relacionais, realizando uma tipologia das relações entre sujeito e mundo, humanos e não-humanos, sem, entretanto, perder a densidade das experiências dos sujeitos em seus contextos vitais, reforçando a importância das etnografias. Para Descola, é possível e necessário remontar em conjunto a gama de relações entre esquemas elementares de práticas que sintetizam possíveis relações entre humanos e não-humanos e humanos entre si. Em uma abordagem sintética, o autor propõe ver em conjunto esses esquemas de práticas e seus arranjos em contextos específicos, questionando-se sobre como esses modelos de relação e comportamento orientam as práticas, mesmo sendo inconscientes.

Entre pensadores materialistas, pautados por modelos das ciências naturais, as formas culturais aparecem como respostas e adaptações ao ambiente circundante; na antropologia estrutural, a oposição entre natureza e cultura é uma ferramenta analítica para a compreensão dos sistemas simbólicos. No primeiro caso, a natureza dá forma à cultura, e no segundo, a cultura impõe significados à natureza. Entretanto, mesmo nas teorias antropológicas pautadas pelo relativismo cultural, não se questiona a concepção universalista de natureza, que permanece ainda que em oposição à diversidade de formas culturais – o que, segundo Descola e Pálsson, reflete o dualismo do pensamento ocidental aparente no sem-número de oposições típicas de nossa *epistème*. Tais dualismos encontram-se desafiados por múltiplas evidências. Estudos da evolução humana e do processo de hominização mostram que não há como determinar claramente a passagem de um suposto estado de natureza à cultura. Animais – particularmente os primatas superiores – teriam certas formas de cultura material, já que distintos grupos possuem técnicas e usos de ferramentas específicas; outros teriam a capacidade de categorizar o próprio comportamento, tecendo metarrepresentações – o que leva ao questionamento acerca da linguagem e comunicação como elemento fulcral na passagem da natureza à cultura no ser humano. A própria centralidade do corpo como elemento essencial na compreensão da vida social mostra a impossibilidade de separar de maneira absoluta os domínios da natureza e da cultura.

Como aponta Ingold (2000), não se pode separar o domínio das relações humanas das relações com os não-humanos, na medida em estas compõem, no mesmo nível, um ambiente comum. O selvagem - os botos, no que diz respeito à etnografia aqui apresentada - está muito próximo, em um contexto urbano, em um tempo que dura e se distende através de gerações. É um selvagem urbano, em uma pequena cidade litorânea. Um conjunto de seres e relações em conexão que, para os pescadores, estão em profundo risco de desaparecimento.

Paisagens em transformação e conflitos e tensões no pensar o tempo

Falar em memória coletiva, em uma etnografia da duração (Rocha e Eckert, 2005), não significa apenas pensar no passado, nas lembranças, mas sobretudo em no caráter fabulatório da tessitura da narrativa, em sonhos e projetos de futuro. Os

pescadores revelaram em suas narrativas estarem imersos em uma vasta melancolia diante do “fim de um tempo”: o “tempo bom de pescaria”, que “não volta nunca mais”, nas palavras de Maurino. O filme etnográfico, fruto de uma etnografia da duração, conduziu os pescadores a pensarem sobre o tempo. E transformou-se em um instrumento político de busca de visibilidade. Como afirmou Airton, “pescador nunca serviu para nada! Sempre foi a raça mais... Tanto é que eu ia nas lojas fazer carnê, essas coisas, eles não aceitavam porque pescador não existe. Vai na loja hoje ver se existe pescador em relação? Vai na loja e faz um teste!”. Os pescadores, como vemos, querem ser valorizados, querem ser vistos e respeitados. Não querem, no entanto, que seus filhos sejam pescadores.

Diz Maurino:

Não é mais vida não é mais nada. É só sofrimento, né? É só sofrimento! Não, não! Eu já venho da terceira geração, mas eu não quero, não. Não dá pra deixar os filhos da gente deixarem de trabalhar para pescar.

[...] Olha só: eu tirei uma base por mim, assim. Cada pescador que morre, o peixe se some um pouco. Sabia que eu fiz um cálculo assim? Eu. Não sei os outros, mas eu, de estar o dia a dia ali... Cada pescador que morre, menos o boto, menos o peixe.

Este “tempo bom de pescaria”, que “não volta nunca mais”, também pode ser enquadrado como colapso de um certo “padrão que liga” as coisas - terra, água, ventos, peixes, pescadores, botos, aves, marés - para usar os termos de Bateson, e cujas conexões se encontram cada vez mais frágeis diante de uma cidade em franco processo de urbanização, pela força da dinâmica econômica ao redor do turismo e do lazer, processo encompassado por elites políticas muito pouco afeitas à estética da paisagem - que parecem pouco sensíveis aos “padrões que ligam” as coisas naquele território. Ou que, deliberadamente, sonham outros futuros: aquele território destinado a outras gentes que não os pescadores e botos - talvez aos proprietários de lanchas de luxo e *jet skis*. Tudo isto que trazemos aqui, é importante lembrar, se tece a partir de um enquadramento de pequena escala - a Barra, a foz do Rio Tramandaí junto ao Oceano Atlântico. Mas este microcosmo, é sempre bom lembrar, está inserido em um mundo imerso em uma grave crise ambiental, de proporções alarmantes e particularmente agressiva quanto ao elemento água.

Novamente aludindo a Bateson: o “*padrão que liga é um metapadrão*” (grifo do autor), um padrão que liga os padrões. Não há nada que possa ser tratado de forma

isolada - nem em termos analíticos. Os pescadores, insistimos, são portadores uma epistemologia que, como nos apresenta Bateson, enfatizam a unidade, sendo esta unidade estética (1986, p. 26), em termos de processos mentais. Constróem estas relação a partir da percepção e de suas experiências subjetivas - a ciência, com sua epistemologia própria, aponta, é também um método de percepção, “limitado em sua habilidade de recolher os sinais visíveis do que possa ser verdadeiro” (p. 36). Em conjunto com os demais animais - botos, peixes, aves, cães - co-produzem estas paisagens, como nos indica Silveira (2016).

Consideração sobre o não terminar

Em nosso atual contexto social, em escala global, persiste, insistentemente, uma incapacidade de compreensão por parte de nós humanos, de algo a que Bateson alertava há muitas décadas:

Temos diante de nós um mundo que é ameaçado não só por formas de desorganização de muitos tipos, mas também pela destruição de seu ambiente, e nós, hoje, ainda somos incapazes de pensar com clareza sobre as relações entre um organismo e seu ambiente. Que tipo de coisa é esta que chamamos “organismo mais ambiente”? (Bateson, 1972, p. 318. Minha tradução).

Terminemos este texto como terminamos o filme Pesca do Boto. Alzemiro, que irritadamente falava sobre a ausência prolongada dos botos no verão, em função da “esculhambação”, ouve os gritos dos pescadores com as tarrafas nas mãos e pés na água, diante da agitação dos botos, que, por sua vez indicavam a presença das tainhas. Inquieta-se ele também: “olha lá o pulão!... Eu vou lá, eu vou lá!” E corre para a margem do rio, seguindo os botos que cercam o cardume.

Esta é uma história que termina sem terminar. Apesar da melancolia, enquanto peixes, botos e pescadores inter-agirem e fizerem lugar, aquela prática perdura. E perdura aquela paisagem, distendendo-se e transformando-se no tempo.

Referências

- BACHELARD, Gaston. **A dialética da duração**. São Paulo: Ática, 1988.
- BATESON, Gregory. **Mente e Natureza: Uma Unidade Necessária**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1986
- BATESON, Gregory. **Steps to an Ecology of Mind**. Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology. São Francisco: Chandler, 1972.

- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas Volume III.** São Paulo; Brasiliense, 1989
- BERQUE, Augustin. Território e pessoa: a identidade humana. In: **Desigualdade & Diversidade** - Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, no. 6, jan/jul, 2010, p. 11-23.
- BERQUE, Augustin. **Thinking through landscape.** New York: Routledge, 2013.
- CAMARGO, Y. R. R. **A Percepção Ambiental dos Usuários da Barra do Rio Tramandaí sobre o Boto da Barra, Tursiops sp.** (Cetartiodactyla:Delphinidae). Trabalho de Conclusão (Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.
- CASTRO, D. **Áreas prioritárias para conservação da biodiversidade na Bacia hidrográfica do Rio Tramandaí.** Porto Alegre, Brasil: Via Sapiens, 2016.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** Petrópolis, Brasil: Vozes, 1996.
- COELHO-DE-SOUZA, G.; PERUCCHI, L. C.; KUBO, R. (Eds.). **Patrimônio Socioambiental da bacia do Rio Tramandaí.** Porto Alegre, Brasil: Via Sapiens, 1996.
- CSORDAS, Thomas. **Corpo/significado/cura.** Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- DESCOLA, P. e Gísli P. (Eds.). **Nature and Society – Anthropological perspectives.** London, England: Routledge, 1996
- DESCOLA, P. **Par-delà Nature Culture.** Paris, França: Gallimard, 2005.
- DEVOS, R.; VEDANA, V.; BARBOSA, G. C. Paisagens como panorama e ritmos audiovisuais: percepção ambiental na pesca da Tainha. **GIS - Gesto, Imagem e Som - Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 1, n. 1, june 2016. ISSN 2525-3123. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/gis/article/view/116350>>. Acesso em: 22 oct. 2017.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- HAESBAERT, Rogerio. **O Mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 6a ed.
- ILHA, E. B. **Pescadores e botos: histórias de uma conexão em rede.** (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Ciências Biológicas). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- INGOLD, Tim. Humanidade e animalidade. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.10, n.28, São Paulo, jun. 1995. Disponível em http://www.anpocs.com/images/stories/RBCS/28/rbcs28_05.pdf
- INGOLD, T. **The perception of environment.** Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Londres, Inglaterra: Routledge, 2000.
- MORAES FILHO, Evaristo de. **Georg Simmel.** São Paulo: Ática, 1983.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da e ECKERT, Cornelia. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas.** Brasília: ABA, 2015.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da e ECKERT, Cornelia. **O tempo e a cidade.** Porto Alegre: UFRGS, 2005.
- SILVEIRA, F. L. A. **As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica.** In Revista

Iluminuras, Porto Alegre, v. 17, n. 42, p. 288-315, ago/dez, 2016. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/69988/39430>

SIMMEL, Georg. A filosofia da paisagem. In: **Revista de Ciências sociais - Política e Trabalho**, n. 12, Setembro de 1996, p. 15-24

SIMMEL, Georg. Comment les formes sociales se maintiennent. *L'Année sociologique*, première année, 1896-1897, pp. 71-109

TOTTI, B. C. **Pescadores, Botos Bons e Tainhas**: pesca e interação em Laguna (SC, Brasil). Trabalho apresentado na 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, agosto de 2016, João Pessoa/Paraíba/Brasil.

TRAMANDAÍ. **Plano Diretor do Município de Tramandaí**. Lei nº. 2.478/2006. Tramandaí, Prefeitura municipal de Tramandaí, 06 de novembro de 2006.